

Foto: Acervo do Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares



Projeto de Educação Popular, Formação Política e Controle Social em Saúde
(11 e 12 de agosto de 2007)

Pedagogias em movimento

Texto editado a partir da transcrição de exposição oral de Miguel Gonzalez Arroyo¹, realizada em Uberlândia, em 17 de junho de 2006, durante o II Encontro Nacional de Educação, Saúde e Cultura Populares².

Por Carlos Alberto Haddad

A universidade pública

Enquanto ouvia os expositores anteriores falarem sobre esta Universidade (UFU), notava o orgulho que se sente por construir uma instituição com toda esta riqueza, tantos cursos, tantos projetos. Realmente, estamos construindo uma Universidade cada vez mais pública. Eu, que trabalho há tantos anos em uma Universidade Pública, sempre fiz-me de orgulho dela, da qual, às vezes, fala-se tão mal, mas que cresce cada vez mais, com qualidade, sobretudo, na dimensão pública.

O modelo público e o privado

Parece que o modelo da educação privada, mercantilizada, se impõe como se fosse o modelo que a educação e a universidade pública deveriam seguir. Pelas palavras aqui ditas, fica claro o esforço que estamos fazendo para que a universidade deixe distantes critérios e lógicas privadas que, cada vez mais, se aproximam dos critérios e valores públicos. Parabéns à Universidade Federal de Uberlândia e à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis, as quais estão construindo esta Universidade Pública.

A cor do reitor, a cor dos estudantes e professores, a cor da universidade pública

A partir das palavras que aqui ouvi, interpretei que os espaços que estamos construindo, um dia, e esperamos que seja breve, serão também de todos os povos indígenas, negros, povos do campo. Sabemos que a universidade não é para todos os povos deste país. Eu estava olhando para a cor do reitor, ao meu lado, para a cor de todos vocês, e esta cor é ainda a cor dos professores e da maioria dos alunos de nossas universidades públicas. Esperamos que um dia a cor dos negros, dos índios, dos povos do campo seja a cor de nossa universidade.

A universidade e a inclusão no ensino superior

Eu espero que um dia, aqui nesta universidade, como já acontece em 18 outras universidades brasileiras, sejam abertos cursos como o de Pedagogia da Terra, que se abram cursos de formação de

1. Atualmente é Professor de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Professor Titular do Instituto Superior de Estudos Pedagógicos. Possui Pós-Doutorado pela Universidad Complutense de Madrid, Doutorado em Educação pela Stanford University, Mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais.

2. II Enescop é uma promoção do Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares, o qual é desenvolvido por meio de uma parceria da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis, da Universidade Federal de Uberlândia, com outros órgãos públicos e movimentos sociais.

professores indígenas, mas que estes não tenham a rigidez seletiva dos canais do vestibular, que tenham critérios especiais, que sejam cursos afirmativos, com cotas afirmativas para estes educadores e educadoras, que até agora se encontram tão distantes da nossa universidade pública.

O diálogo entre universidade e os movimentos sociais

Este momento (referindo-se ao II Encontro Nacional de Educação, Saúde e Cultura Populares) já é uma abertura da UFU e pretende ser um diálogo entre a universidade e os movimentos sociais. Um diálogo, sem dúvida, fecundo e que não vai ser de mão única. A universidade é o centro do conhecimento, do saber, da ciência, da cultura e da tecnologia, e vocês, um dia, estarão aqui para aprender este saber, mas com um sentido de diálogo de mão dupla: vocês estarão trazendo para a universidade seus saberes, seus valores, suas culturas, suas interpretações da realidade para dialogar com profissionais que têm como função pesquisar, refletir, interpretar e entender nossa realidade.

As dificuldades do diálogo entre universidade e os movimentos sociais

Um diálogo dos saberes da experiência, do trabalho, das lutas, dos movimentos sociais com os saberes da pesquisa, das áreas do conhecimento... Será fácil esse diálogo? Eu diria que não. Nunca foi. Ao longo da história da produção de conhecimento, os saberes da experiência, do trabalho, da classe, da etnia, da raça, do gênero, do campo e do território nunca foram reconhecidos como saberes, foram sempre segregados como saberes do senso comum, mas não como saberes científicos. Por isso foram sempre carregados de preconceitos, silenciados, destruídos. No máximo foram aceitos como materiais brutos a serem purificados pelos saberes da universidade. Se essa for a visão que se tem dos saberes que os movimentos sociais trazem, dificilmente teremos um diálogo entre estes e a universidade.

A UFU e o diálogo com os movimentos sociais

A Universidade e o saber científico empobrecem quando não reconhecem a riqueza dos saberes populares, e enriquecem quando conhecem esta riqueza e esta diversidade. A minha certeza é que este encontro (II Enescpop), que já é uma tradição e um orgulho desta Universidade, será uma trincheira, uma fronteira de algo que ainda não se conhece na universidade pública, ou seja, reconhecer os saberes dos movimentos sociais. A partir de hoje, vou falar em muitos lugares que, aqui em Uberlândia, na Universidade Federal de Uberlândia, se assiste a esse diálogo de mão dupla.

Os saberes populares podem ser considerados parte do pensamento pedagógico?

Será que existem saberes pedagógicos? Como educador, professor universitário, mais centrado na área de educação, quero fazer esta pergunta: Os saberes dos movimentos sociais trazem consigo uma pedagogia? O tema é este: 'Pedagogias em Movimento'. Não falei 'Pedagogias dos Movimentos'. Prefiro Pedagogias em Movimento, porque as pedagogias dos movimentos estão em construção, fazem parte da própria dinâmica dos movimentos, isto é, os movimentos sociais é que são pedagógicos. "Vocês, dos movimentos negros, do campo, indígenas, têm consciência dessa pedagogia que estão construindo? E nós, da universidade, professores e educadores das redes municipal e estadual, que pesquisamos, refletimos, teorizamos, educamos, ensinamos, o que temos a

aprender com essas pedagogias que vocês constroem?" Me parece que é aí que o diálogo tem que acontecer.

O que temos que aprender com as pedagogias dos movimentos sociais?

No meu entender, temos muito a aprender. Vou tentar colocar alguns pontos:

1º Ponto: *Os Movimentos Sociais recuperam a educação, recuperam algo que estava perdido, escondido atrás da palavra 'ensino'.*

Os Movimentos Sociais recuperam a educação, recuperam algo que estava perdido, escondido atrás da palavra 'ensino'. A palavra 'educação' se perdeu no cientificismo, no positivismo, e nós nem saudade tivemos dos tempos em que a escola básica e a universidade eram centros de formação, de educação. Os Movimentos Sociais trazem de volta a consciência de ser um movimento educativo, pois não apenas ensinam, fundamentalmente, formam, educam. Trabalho há quase quarenta (40) anos na Faculdade de Educação, e falamos de tudo, de métodos de ensino, de técnicas de ensino, de conteúdos de ensino, de supervisão, de direção, de inspeção, de tudo, menos de educação. Nas Faculdades de Educação não temos teorias pedagógicas, temos métodos e técnicas de ensino. Que falta nos faz olhar para os Movimentos Sociais e ver que eles empunharam uma bandeira que foi perdida nos próprios centros que eram de educação. O que o Movimento de Educação Popular nos ensinou e o que os Movimentos Sociais nos ensinam é que há uma dinâmica educativa, formadora, cultural nas lutas do povo, nas vivências, nas experiências. Há processos educativos acontecendo. Não se trata de educar os oprimidos. A tarefa do educador do povo não é levar educação ao povo, mas educar-se com os processos educativos que acontecem na dinâmica popular, social e cultural.

2º Ponto: *Os Movimentos Sociais recuperam a concepção de educação como emancipação, como libertação, não como regulação.*

Os Movimentos Sociais recuperam a concepção de educação como emancipação, como libertação, não como regulação. A modernidade trouxe dois movimentos - o de emancipação, que foi perdido, e o de regulação, que se impôs. As instituições educativas fizeram muito mais parte do movimento de regulação. São os movimentos sociais que recolocam a educação como emancipação. Paulo Freire, no movimento de educação popular, sempre entendeu educação como libertação. Desde que descobriram esse país, os indígenas, os negros foram educados para a regulação. Para que entrem em nossas crenças, dentro de regras, de disciplinas, as nossas, dos brancos, da burguesia, foram reguladas suas crenças, suas culturas, suas identidades, suas linguagens e sua memória. Portanto, o que se espera dos movimentos sociais é uma concepção de educação emancipadora que não se restringe aos regulamentos estreitos do saber. Se trata de um diálogo de saberes, de concepções, de natureza, de universo, de ser humano, de infância, de gênero, de mulher, de memórias e de tradições diferentes.

3º Ponto: *Os movimentos sociais podem ser os grandes teóricos capazes de mostrar as dimensões destrutivas das próprias matrizes, que deveriam ser educadoras.*

Os movimentos sociais recuperam as grandes matrizes formadoras construídas ao longo da história do pensamento pedagógico. Que matrizes seriam estas? O povo não se forma apenas em 'festas', há matrizes muito mais constituintes dos diversos coletivos populares. Paulo Freire avança além das matrizes clássicas do socialismo. Segundo ele, da própria opressão tiram-se elementos formadores, criam-se valores, consciência, resistência. Neste sentido, a resistência à opressão, à marginalização, ao esquecimento talvez seja uma das matrizes formadoras mais dignas dos movimentos sociais. A teoria pedagógica que temos que aprender é, sobretudo, entender em que matrizes nos formamos e nos conformamos como seres humanos. A grande tradição da pedagogia socialista é colocar sua ênfase, exatamente, nessas grandes matrizes que nos constituem, que nos constroem ou nos destroem. O trabalho é uma matriz formadora, desde que não seja explorador, pois, assim, não forma, deforma. A própria terra é uma matriz formadora, desde que não sejamos expulsos dela e destruídas nossas formas, nossa tradição de camponeses. Essas matrizes são dialéticas, têm uma ambivalência, tanto podem formar quanto deformar, e esta é a grande tragédia da pedagogia, perceber que onde poderia haver formação, há deformação. Os movimentos sociais podem ser os grandes teóricos capazes de mostrar essas dimensões destrutivas das próprias matrizes, que deveriam ser educadoras.

4º Ponto: *Os Movimentos Sociais têm a função histórica de recolocar a educação na lógica do público: a lógica dos direitos.*

As pedagogias em construção dos movimentos sociais, ou seja, as Pedagogias em Movimento também estão nos ensinando que somos sujeitos de direito. Os movimentos sociais colocaram a educação na agenda dos direitos. A nossa tradição foi muito mercantilizada. A universidade foi mercantilizada. Até a educação do pré-escolar foi mercantilizada. Uma criança de 5 ou 6 anos aprende a ler para um dia participar de um concurso, de uma seleção para completar o ensino básico, para completar o segundo grau, para tentar entrar na universidade através de filtros escandalosos, anti-públicos e anti-democráticos, isto é, ela é preparada para o concurso, para o vestibular, para o mercado. Essa é uma das heranças mais tristes da reforma universitária e da reforma da educação básica dos tempos da ditadura. Tudo é pensado pela lógica do sucesso, do mérito, da assertividade. Mas qual é a lógica do público? É a lógica dos direitos. A lógica do mercado nunca foi a lógica do público. Os movimentos sociais têm a função histórica de recolocar a educação na lógica dos direitos, o direito à cultura, ao conhecimento, à educação, e estes não são direitos individuais, mas sim direitos coletivos. Os movimentos sociais, de alguma forma, interrogam a concepção de direito que ainda é predominante quando lutam coletivamente por direitos coletivos e chamam o Estado para dar conta destes direitos.

5º Ponto: *A cultura, insisto, como matriz formadora, tem que ser vista como tema de pesquisa, de reflexão e, sobretudo, como direito, como um bem de nossas vidas.*

Os movimentos sociais reivindicam direitos culturais, e esta é uma das ênfases nas fronteiras de luta. A cultura é uma matriz formadora. A cultura não se constitui, mas, sim, nos faz cientes, cria-nos identidades, forma nossas crianças. Um dos traços mais importantes dos movimentos so-

ciais é lembrar a universidade sobre a centralidade da cultura, pois esta nunca foi central nas nossas universidades. Os currículos de nossas universidades não incorporam cultura, são demasiados cientificistas, cognitivistas, tecnicistas. E isso acontece também na educação básica. Nós somos um povo riquíssimo em cultura, mas isso ainda não é objeto da pedagogia, nem do conhecimento, nem da nossa formação. Os movimentos sociais têm que mostrar suas manifestações culturais, mas não apenas de maneira festiva, eles têm que opinar em cada estudo, em cada pesquisa, em cada teoria mais séria sobre a diversidade da cultura. A cultura, insisto, como matriz formadora, tem que ser vista como tema de pesquisa, de reflexão e, sobretudo, como direito, como um bem de nossas vidas. A cultura não é um prato feito de uma boa feijoada, no qual depois se coloca um raminho de hortelã para enfeitar, para contrastar com o amarelo da laranja. Ela não pode ser enfeite.

6º Ponto: *As pessoas dos Movimentos Sociais lutam por direitos, mas como sujeitos coletivos, lutam por direitos coletivos e interrogam a concepção de direito que ainda é, predominantemente, a concepção de direito do indivíduo.*

Os direitos nunca chegam separados uns dos outros. O direito à educação nunca chega separado do conjunto dos direitos. Como é difícil para um adolescente, um jovem negro, pobre, do campo, garantir a educação. Não adianta defender só o direito à cultura, o direito à educação, se não defendermos a totalidade dos direitos humanos. A educação não acontece sozinha, não faz milagres, tampouco a cultura, se não for garantida a terra, a vida, a sobrevivência, o território. As lutas dos movimentos sociais não são somente por educação, por cultura, por conhecimento, mas, sim, pelos direitos mais básicos do ser humano. É impossível entender suas pedagogias desarticuladas da luta pela base material da existência. Temos que ter clareza de que o ser humano é um ser de vida, é um ser biológico que precisa comer, viver, precisa de proteção, cuidado, terra, trabalho; e se isto não acontecer, os outros reinos não acontecem. É preciso vincular o direito à educação, à identidade, à memória, ao direito a terra e ao território. Eu não entendia bem porque tanta importância dada à terra, até que um dia ouvi do bispo da Pastoral da Terra, Dom Valdivino: “terra é mais do que terra, porque terra é vida, terra é tradição, terra é poder ou não ter filhos, terra é criar, terra é identidade, é cultura. Sem terra não há nada disso!”

7º Ponto: *Busquemos outras didáticas, outros gestos, outras teorias pedagógicas. Aprendamos com os movimentos sociais.*

É preciso destacar também que os movimentos sociais inventam didáticas. Quando vou falar ou dar aulas, fico impressionado com as místicas, nas quais se fala pouco; e o instrumento pedagógico não é a palavra, é o gesto, o símbolo, o ritual, a cor, é a semente, é planta, é terra. As didáticas de nossas pedagogias de castas, os alunos nunca sabem plantá-las. Parece que elas passaram a ter data, validade, como a lata de atum que ‘vence’ e é melhor jogá-la no lixo do que ter uma indigestão. Há muitos conteúdos, muitas didáticas que passaram da data. Os movimentos sociais inventam novas didáticas. Eu diria às universidades públicas: recuperemos a força dos símbolos, dos gestos, do ritual, pois estes sempre foram, ao longo de todas as culturas, os grandes educadores, não a palavra. As nossas pedagogias são, demasiado, da palavra, da fala. Somos docentes falantes, e os alunos estão cansados de palavras. Talvez, vocês mesmos já estejam cansados das minhas. Busquemos então, outras didáticas, outros gestos, outras teorias pedagógicas. Aprendamos com os movimentos sociais.

8º Ponto: *A nossa infância talvez seja um dos produtos mais desastrosos das políticas neoliberais, e os movimentos sociais nos ensinam que ainda é possível salvar a infância.*

Finalmente, eu diria: não esqueçamos das crianças. Uma das coisas que mais me impressiona nos movimentos sociais é que não se separa crianças, jovens e adultos. As teorias gostam de crianças. A nossa pedagogia separou a pedagogia da infância, mas não temos sequer uma pedagogia dos adultos, e quando reunimos jovens e adultos, repetimos para eles a mesma pedagogia da criança. Os movimentos sociais têm uma pedagogia da totalidade dos tempos da vida que envolve toda a família e podem nos ensinar muito sobre isto. Eu sou filho de um camponês e fui integrado, desde criancinha, à produção familiar. Não havia separação entre infância, juventude e vida adulta. Nas festas, na igreja, no trabalho e na produção, todos tinham papéis, funções dentro de um mesmo processo produtivo. Hoje, a infância está separada do trabalho, está isolada, e tem que ficar por sua conta, tem que escolher entre a droga ou a escola. A nossa infância, hoje, talvez seja um dos produtos mais desastrosos das políticas neoliberais, e os movimentos sociais nos ensinam que ainda é possível salvar esta infância.